

LEITURA DE PAISAGENS

Resumo

A presente comunicação tem por objetivo ler e descrever, comparativamente, uma expedição à Amazônia brasileira e as imagens realizadas, desenhos e aquarelas, na referida expedição. O percurso da expedição é Manaus-Porto Velho, pelo Rio Madeira e, a mesma foi realizada em um navio da Marinha Brasileira dentro do projeto Navios da Esperança. A viagem aqui apresentada foi realizada no período de janeiro de 2011 e, teve como objetivo desenhar os diversos cenários amazônicos tendo como fulcro os desenhos de viagem, conceito de paisagem e prática do desenho *in loco*, discutir a questão da paisagem na arte contemporânea. O texto se constrói na via do surgimento da paisagem na arte, os seus diálogos com o desenho dos viajantes e dos textos de Heliana A. Salgueiro, Miguel Luiz Ambrizzi e Rugendas.

Palavras chaves: paisagem, desenho e artistas viajantes.

A paisagem aparece na história da arte ocidental com a pintura do artista Florentino Giogiorne (1480-1510) *A Tempestade*, que promove um fato inédito na história da pintura: ele transfere a ação dos domínios da figura humana para o reino da natureza. O quadro, não mostra guerreiros ou heróis exercendo nenhuma ação, mas a natureza com sua força natural: cores, árvores, nuvens. Um raio luminoso atravessa o céu no fundo da pintura e chama a atenção para uma força maior do que a dos homens, por isso, as duas figuras que aparecem embaixo do quadro se tornam secundárias. O interesse maior é este cenário natural e exuberante. A arte renascentista, depois de ter inventado um conceito de representação da figura humana, começa aí a criar o de paisagem. Mas o que é paisagem? Heliana A. Salgueiro, em seu livro *Paisagem e arte* nos dá as bases para essa compreensão. Primeiramente, ela nos faz ver, com Alain Roger, que nunca existiu beleza natural; isto é, a representação da figura humana, da paisagem, das cenas religiosas, mitológicas etc. todas foram aquisições culturais, que segundo Roger podem, inclusive ser datada. Sua tese é de que nossa experiência visual é formatada pelos modelos artísticos, isto é, a recepção histórica e cultural de todas as nossas paisagens opera segundo uma “artistisação” - vimos nossas paisagens depois que estas se apresentaram sob forma artística. Temos a tendência a acreditar que a beleza de uma

paisagem vem dela mesma, mas a verdade é que aprendemos a ver belas paisagens pela elaboração da arte.

Em uma viagem à Manaus em 2010, eu descobri a paisagem amazônica e também o projeto Navios da Esperança da Marinha brasileira, que são expedições médicas hospitalares que navegam os diversos rios da Amazônia (Rio Negro, Solimões, Madeira, Xingu, Jari, Marajó, Tapajó, Tocantins e outros) com o objetivo de conhecer e atender a população ribeirinha. Em meu trabalho artístico anterior, eu não lidava com paisagens, mas a riqueza do cenário amazônico me trouxe esse interesse, me fazendo perguntar: como desenhar paisagem hoje? O que é paisagem? Que sentido tem hoje ir até à natureza, aos lugares para desenhar, criar paisagens? E me propus responder tais questões desenhando e, viajar para desenhar. A fotografia foi uma maneira de captar imagens deste cenário e foi muito empregada na consecução dos desenhos.

Desenho e viagem

“Não viajamos para chegar, viajamos para viver”, assim Goethe descreve o elemento essencial que anima a alma do viajante e o sentido de toda viagem: viajar para descobrir, para conhecer, para se animar, para viver. Na Amazônia, maior floresta tropical do mundo, a natureza assume aspectos desconcertantes: atrai e distancia, acolhe e expulsa. O cenário grandioso, constituído de verdes intensos e muita água, abriga uma população resistente, que vive à beira dos rios à mercê das intempéries, das enchentes e vazantes. Em 2011, tendo tomado conhecimento do projeto *Navios da Esperança* e, curioso para penetrar o ambiente amazônico e nele e com ele criar imagens gráficas propus à Marinha o projeto que denominei *“Desenhando as comunidades ribeirinhas com os Navios da Esperança”*. O projeto foi aceito e entre 11 e 23 de janeiro, subi o Rio Madeira, de Manaus a Porto Velho, no Navio Carlos Chagas com o propósito de conhecer um pouco da Amazônia, de exercitar e de traduzir em desenho um pouco daquele cenário. Levava à bordo as questões acima mencionadas que, foram se desdobrando em outras e oferecendo caminhos: o que é desenhar viajando? Quais os pontos de contato entre os desenhos que me propunha realizar e os dos artistas viajantes de outrora que também passaram por aquelas terras? Que possibilidades tem o

desenho hoje nesta senda que ele próprio ajudou construir, a de registrar e criar paisagens, face à fotografia digital e às novas tecnologias?

O navio Carlos Chagas era uma pequena embarcação de guerra, adaptada para navio hospital e, além dessa infraestrutura, contava também com três ou quatro lanchas velozes e um helicóptero; era por estes meios que deixávamos o navio e chegávamos às comunidades na floresta. A Tripulação era de cerca 80 marinheiros, incluindo médicos, enfermeiros e dentistas. O trajeto: Manaus – Porto Velho, navegando primeiramente pelo Rio Negro, depois o Rio Solimões e finalmente o Rio Madeira. O tempo da viagem foi de 23 dias, sendo dez em Manaus e treze de navegação, ida e volta. Visitávamos uma ou duas comunidades por dia, dependendo do tempo e da distância entre elas. Estas são algumas da comunidade visitadas: Arapuanã, Vencedor, Mariri, Bom Retiro, São Carlos, Água azul, Barreiro do Tambaqui, Manicoré e outras. Em todas elas a Marinha era bem recebida e procurada, mesmo chegando sem aviso prévio, às vezes assustando os simples moradores ou mesmo deixando de atender doentes que chegavam ao posto quando os oficiais já estava de partida. Cheguei a ver algumas vezes, os ribeirinhos seguindo o navio de canoa na esperança de serem atendidos. As comunidades eram muito pequenas, variando entre 50 a 200 habitantes, algumas não tinham luz elétrica e somente uma ou outra tinha linha telefônica. O transito de um lugar a outra era feito em canoas à remo ou adaptadas com motor de motor serra. Os atendimentos oferecidos pela marinha ocorriam em salas de escola, debaixo de árvores e no próprio navio. Eu acompanhava o pessoal nessas saídas, desenhando e fotografando.

Logo nas primeiras horas, embarcado, comecei a desenhar olhando a sombra da floresta que se delineava à margem do rio, mas comecei riscando um tanto aleatoriamente, tentando olhar e encontrar alguma coisa que pudesse encarnar visualmente, seja, a viagem, o estar ali naquele lugar e os objetos desenhados. Eu me perguntava o que desenhar e como desenhar. Por estar em transito e às vezes desenhar em pé, ao céu aberto e também sob o balanço do navio dei preferência trabalhar com grafite, mas fiz uso também do nankim e da aquarela. A idéia de transito direcionou o caminho o trabalho para via do desenho rápido, próximo do croquis nos moldes de uma anotação gráfica.

Assim, o papel utilizado era de pequenas dimensões e o formato era de sketchbook ou livro de artista.



Fig. 1 e 2. Fernando Augusto, livro de artista, grafite sobre papel, 32x50cm. (aberto)74 páginas.
2012

O Desenho de observação como experiência

No navio, os membros da tripulação, ao me verem desenhando na proa, no bombordo ou na sala de reunião, volta e meia me perguntavam qual era mesmo o objetivo do meu trabalho? Para que eu desenhava? A resposta era algo complicado porque não se tratava de criar ilustrações para uma revista ou livro e nem estava ligado a nenhuma reportagem, documentário ou denúncia que fosse. Isso era certamente a justificativa mais esperada. Eu dizia que desenhava porque gostava de ver as coisas em desenho e que tinha como objetivo desenhar paisagens da Amazônia. E sorríamos. Ficava alguma coisa no ar. A resposta era sincera, eu não tinha um fim definido para os desenhos e não sabia que tipo de desenho ia fazer. Contudo, alguma coisa estava definida, a viagem e o lugar se impunham, eu iria desenhar a partir do que estava vendo, criar paisagens a partir do olhar sobre aquelas paisagens. A técnica do

desenho de observação se colocava como vivência e ela cruzava a tradição da figuração gráfica e a transitoriedade e espontaneidade do ato de desenhar no aqui e agora.

A tripulação do navio ficava admirava de ver os desenhos sendo construídos, de ver certos rabiscos estruturais se transformando em paisagem, assim como os ribeirinhos nas comunidades atendidas. Logo, todos se dispunham a posar para serem retratados em fotografias e desenhos. As curtas sessões de modelo vivo nos diversos momentos da viagem eram momentos de encontro, de conversa, de convivência através do desenho. Nelas, eu tomava conhecimento da história de cada um, dos seus projetos, dos seus sonhos e das histórias de enchentes do Rio Madeira. No retorno da viagem propus um pequeno bate-papo com a tripulação na praça d'armas (sala de reunião dos oficiais) e falei da experiência estética enquanto elemento corrente tanto na obra de arte como na vida e, do meu processo de trabalho em desenho e fotografia, mostrando as imagens que fizera até então. Eles participaram com perguntas instigantes, interessados que estavam em saber porque eu escolhia certas imagens, como era retratar uma paisagem usando somente lápis. Eu também me perguntava ali sobre o desenhar e, talvez, por isso mesmo é que desenhava todo o tempo da viagem: os objetos, as pessoas, o céu, a água, a paisagem. Encontrava no desenho o animador da vida diária.

Nas várias comunidades onde o navio prestou atendimento, desci para conhecer o lugar, as pessoas e desenhar. Assim, descobri cenários intrincados e assustadores da floresta e também crianças, homens e mulheres que habitam a região. Escutei muitas histórias da vida na floresta, histórias de luta, de resistência que são verdadeiras sagas. Na primeira comunidade onde chegamos de helicóptero, pude observar a floresta do alto e em seguida entrar no meio dela, é uma sensação de indescritível beleza e espanto, porque sentimo-nos próximos e distante de todo aquele frescor que conhecemos como Floresta Amazônica. Nesta comunidade, soube depois por uma anciã do lugar, que as crianças, quando ouviram e viram o helicóptero queriam fugir para floresta de tão assustados que ficaram. E ela disse que não; fugir para onde? Em Barreiro do Tambaqui desenhei o sr. Trindade, 66 anos, seringueiro e agricultor; tem seis filhos, todos foram para a cidade de Humaitá, porque queriam estudar, ter outra vida, mas ele aposentado, preferiu ficar, e disse

“aqui se a gente quer um peixe pode pescar, uma farinha, vai na roça colhe a macaxeira e faz, na cidade não”, com a sua idade, ele não teria como trabalhar e poderia passar necessidades. Informou-me que um dos filhos gosta de desenhar e que desenha muito bem. Disse que gostaria de conhecê-lo, mas este já não estava mais lá. Passamos cerca de uma hora juntos, conversando através do desenho. Em Bom Retiro retratei uma moça com um olhar intrigante e pensei comigo mesmo que gostaria de fotografá-la de novo dentro de cinco anos, seria possível? Em São Carlos passei quase a tarde toda com a família de Josimar. Fotografei e desenhei vários membros da família. Nesse ínterim, chegaram o irmão dele e o vizinho com remédios que tinham conseguido com a marinha, para dor de coluna. Eu, como há anos tenho problemas de coluna e faço continuamente exercícios de fisioterapia, conversei com eles e expliquei que os remédios para dor era apenas um paliativo que o melhor era fazer séries diárias de exercícios físicos. Eles se interessaram e em seguida passei para eles, ali no alpendre da casa, uma série de exercícios de alongamento e fortalecimento muscular e lombar. Eles memorizaram a seqüência, anotaram e disseram que iriam fazer sempre os exercícios. Combinei de enviar-lhes as fotos que tirei deles, mas curiosamente ninguém sabia o endereço certo. Uma senhora trouxe uma conta d’água, mimeografada e preenchida a mão, foi onde encontrei a informação necessária para o envio, o que fiz tão logo regressei à Vitória. Eles me presentearam com castanhas, carambolas e uma bonita graviola que levei para o navio e compartilhei com os oficiais. Misteriosamente, o cheiro e o delicioso sabor da graviola remeteu-me à minha infância. Ao me despedir acenei para eles que nos observavam do alto do barranco do Rio Madeira com sentimento de amizade e de gratidão.



Fig. 3. Fernando Augusto, aquarela e grafite sobre papel, 21 x 15cm. 2012



Fig. 4. Fernando Augusto, livro de artista, grafite sobre papel, 32x40cm. (fechado)74 páginas, 2012

Antes de começar a viagem eu me perguntara o que iria desenhar e como iria trabalhar a paisagem, afinal desenhar alguma coisa passa por muitas escolhas, escolhas de objetos, ângulos e de maneiras de tratá-los. Por isso, meses antes, fizera caminhadas em parques e exercícios de desenho de observação. Mas de certo modo, apresentei-me, como um marinheiro de primeira viagem. Diferente da fotografia, cujo registro se faz de maneira rápida, o desenho pede tempo. Seriam desenhos rápidos? Trabalharia detalhes registrando objetos, frutos ou buscaria retratar vistas panorâmicas? Haveria tempo e lugar para

desenhos mais demorados? Seriam desenhos mais de natureza documental ou estética?

O primeiro desenho da viagem foi feito logo na saída do navio, olhando para os grandes barrancos e árvores que margeiam o rio e, que iam ficando para trás, juntamente com a cidade de Manaus. O mesmo lugar fotografado não me despertou interesse, o desenho sim, um desenho que levei horas criando tons de cinzas e sensações de nuvens, de água e algo como uma sombra da floresta no meio do papel. Percebi, ao desenhar este tema, que eu observava algo que estava além de mim, de certa forma eu saía de mim para falar do que via, para falar do mundo. Assim, as texturas à grafite, depois à carvão passaram a dominar minha atenção. Com elas passei a criar impressões frondosas que podiam dizer tanto de árvores, quanto de brumas, de água, de céu, de chão e também da natureza e da materialidade gráfica do desenho.

Ao retornar para o meu atelier, durante os dois primeiros meses ainda parecia que eu estava em viagem. Todos os dias eu me lembrava da expedição, pensando “eu estive lá”, e me perguntava sobre os diversos momentos vividos: onde estaria o pessoal do navio naquele momento? Como estaria a família para quem passei os exercícios de fisioterapia para a coluna? E tantas outras lembranças. Tudo isso era muito diferente dos desenhos que conseguia fazer. Eram realidades tão diferentes que ocupavam tempo e lugar diferentes, mas no entanto tinham uma ligação, uma relação de dependência e de identidade. Era esta relação que se constituía ao desenhar, uma relação entre as coisas e que durava instantes apenas, os instantes de sua fruição.



Fig. 5. Fernando Augusto, Paisagem, grafite sobre papel, 66x96cm, 2012



Fig. 6. Fernando Augusto, Paisagem, carvão sobre papel, 100x230cm, 2012

Em meu atelier aprofundei os desenhos que havia apenas esboçado e comecei a criar outros bem maiores, com um metro ou até três metros, por um, de dimensões. O desenho apesar de ser uma arte onde se trabalha por fora, como bem disse Amílcar de Castro, com linhas de contorno, delimitações de espaços, passou a trabalhado também por dentro, desenhando as vezes com dois lápis na mesma mão, evitando assim o contorno definido de certas formas como folhas ou galhos de árvores, dando primazia ao gesto, à linha autônoma, às texturas. As fotografias, neste momento, foram fundamentais, elas foram estimuladores para a criação de paisagens articuladas demoradamente e muitas vezes com a participação de assistentes, que me ajudaram no minucioso trabalho de criar passagens e finas camadas de texturas constituídas de pontos, linhas e gestos. Para desenhar as paisagens vistas eu inventava paisagens. E fazia uma opção gráfica clara, não desenhava folhas, árvores, galhos ou água, mas trabalhava com pontos, estabelecendo relações de ritmo, de contraste e de direção. Juntava uma imagem fotográfica com outra e criava uma nova imagem. Criava céus e inseria textos, ondas em determinadas áreas para chegar a determinadas paisagens. Assim eu lia as paisagens vistas *in loco* e as dos artistas viajantes. Aliás, no contexto da arte contemporânea atualizava a estética dos desenhos dos artistas viajantes, cuja criação encontra-se ligada ao ato de viajar com o objetivo de produzir imagens de cunho documental, mas que sobretudo, se realizam como uma visão de mundo inventada, articulada na conjunção dos materiais orquestrados com o momento histórico vivido.

“É como poeta que o homem habita a terra”

Segundo Alain Roger, no texto de Heliana A. Salgueiro, nossa experiência visual é formatada pelos modelos artísticos, nós aprendemos a ver paisagens depois que estas se apresentaram sob forma artística. Com efeito, eu já conhecia os desenhos de paisagens dos Artistas Viajantes e, dentro da arte contemporânea, a obra do artista paranaense Francisco Faria, cujo projeto poético é a criação de um vasto repertório de paisagens à grafite de grande beleza. Ao propor esta viagem eu estava impregnado deste olhar. Mas havia o deslocamento, a saída do lugar que, descrevi acima como uma atitude, a de observar algo que estava além de mim, assim, de certa forma, eu saía de mim, da minha pintura e desenho individual, para falar do que via, para falar do mundo. Por isso lancei mão da via tradicional do desenho, o desenho de observação ao natural, esquecendo-me de mim mesmo, esquecendo inclusive de propósito artístico; interessava-me a experiência e, o desenho era a maneira que eu dispunha para realizá-la. Evitando “falar-me”, passei a falar das coisas, como escreve o poeta João Cabral de Mello Neto, mas na sequência escutando a pergunta que o próprio poeta faz: “na seleção dessas coisas não haverá uma fala de mim?”. Esta indagação lembra Heidegger ao dizer: “é como poeta que o homem habita a terra”. Talvez agora eu possa dizer que toda minha motivação era poética. Quase cem anos antes o barão de Langsdorff havia escrito: *“Todo homem que aspire a conhecer as emoções líricas deve dirigir-se ao Brasil, onde a natureza poética corresponderá às suas inclinações. Mesmo a pessoa menos sentimental torna-se poeta para descrever as coisas como elas são”*.



Fig. 7. Fernando Augusto, Paisagem, grafite sobre papel, 50x100m. 2012



Fig. 8. Fernando Augusto, Paisagem, grafite sobre papel, 30x40cm. 2012

A indagação, como desenhar paisagens hoje? É recorrente e acontecerá sempre na história da arte. E, sob sua égide se construirão novas obras. Tornou-se lugar comum afirmar que a pintura ou o tema paisagem são coisas mortas. Trata-se de um anúncio imaturo, pois a via da paisagem, desde seu surgimento vem se enriquecendo e se renovando continuamente, através da história nas mãos de muitos artistas, tanto nas técnicas tradicionais, o desenho de observação à grafite, bico de pena, etc. à utilização da bricolagem, montagem, manipulação de imagens pelas vias das novas tecnologias.

Para finalizar, no momento em que escrevo este texto, ao folhear os desenhos realizados encontro uma página do diário de bordo da viagem que resume, em boa parte o meu sentimento desta expedição. Transcrevo-a aqui “21 de janeiro de 2012. Sábado. Acordo cedo, vou para bombordo. Ainda está escuro e faz frio. Sozinho, olho a paisagem que se delineia em meio à neblina. A luz do farol do navio deixa ver um vapor d’água que sobe do rio como uma boca que respira em dia frio. A lente da câmara fica embaçada. É uma paisagem de sonhos. Difusa. As formas são apenas sugeridas e de passagem. Não penso em nada, todavia gostaria de pensar. Gostaria de falar da intensidade desse instante, para que ele durasse, para que ele não morresse, para que eu não o esquecesse. Mas não há palavras que o encarnem. Desejo e palavras são mundos tão distantes que tudo o que falamos ou mesmo compreendemos são simples aproximações do fenômeno. Isso me inquieta e também me salva. Os mistérios dos vapores deste rio vão tão longe que sua verdade me esmagaria. O silêncio dessa madrugada talvez seja sua melhor tradução. Penso: logo tudo isso será passado e o que direi disso que vivi? Direi todas as palavras possíveis, mas sempre ficará o não dito. É esta a imagem desta manhã: estou

diante do não dito, do que não se pode dizer, do que não direi nunca, do que, no entanto, me faz produzir palavras e imagens.

O sol começa a iluminar por trás da floresta, desenhando uma silhueta escura que se espelha na água. O céu começa a adquirir cores e o que era escuridão se torna forma. Vejo o primeiro azul do dia. Aos poucos, surge o laranja; o verde vai saindo da floresta negra se mostrando tão lentamente que não sei onde ele começou. Um ribeirão sobe por uma escada o barranco do rio, levando às costas um saco. Em cima do barranco, aparecem outros ribeirinhos, que de pé, nos observam e conversam entre si. O navio passa. O que eles vêem? Certamente vêem algo equivalente ao que estou vendo, o outro, o distante, o conhecido e o desconhecido, o que passa. Tento guardar essa imagem, mas ela desaparece, tão logo chega a existir. Então desenho, fotografo, crio imagens que se ligam umas às outras e me dizem algo do existir. Aprendo que, guardar uma imagem é inventá-la.”

AMBRIZZI, Miguel Luiz. Entre olhares - **Entre olhares - O romântico, o naturalista. Artistas-viajantes na Expedição Langsdorff: 1822-1829** . [19&20](#), Rio de Janeiro, v. III, n. 4, out. 2008. Disponível em:
<http://www.dezenovevinte.net/artistas/viajantes_mla.htm
RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. São Paulo: Martins; Brasília, INL, 1976.
SALGUEIRO, Heliana Agnotti, **Paisagem e Arte**, SP, Fapesp, 2000.
SANTOS NETO, Fernando Augusto, **Viajamos para viver**, Londrina-PR, Midiograf, 2013